MARTINZ DE AGUIAR: O MESTRE DE ONTEM E DE SEMPRE

Carlos Dália

Educador dos mais exímios, formador de gerações que ao longo do tempo, foram vendo e sentindo a importância e valor do "mestre" na condução dos homens no desenvolvimento da Sociedade, o Prof. Martinz de Aguiar vive hoje no aconchego de sua família. Seriam os seus mais felizes dias, não fossem, eles, paradoxalmente, revestidos da tristeza e da dor de uma enfermidade que lhe forçou ausentar-se do convívio dos seus antigos alunos, apesar de tê-los bem presentes, pela lucidez de que é possuidor.

Martinz de Aguiar, no leito, é como uma criança que anseia sempre pela presença de algum ponto de apoio. E a sua esposa, Dona Ofélia Cavalcanti de Aguiar, é o seu sustentáculo, sua fortaleza, a esposa carinhosa que compreendendo a sede do seu amado, dedica-lhe uma atenção que se confunde com o mais eloqüente amor. E a união os une na dor de hoje, nas alegrias do presente, nas tristezas de outrora, na contemplação dos acontecimentos que determinaram a família forjada na mais completa ânsia de servir, a exemplo do "professor do Liceu, que se fez catedrático com apenas 29 anos de idade".

E a história continua. Continua, repleta de acontecimentos que bem dizem do espírito de liberdade e de conduta que foi sempre a maior riqueza "que possuí em toda minha vida".

Autor de obras que bem dizem de sua total "independência", Martinz de Aguiar, hoje é um homem que vê o Ceará crescer e, com eles, os seus antigos alunos, todos eles amigos e admiradores do grande mestre.

"DEFENSOR DO JOGO DO BICHO..."

Encontrando-se, hoje, não sentado numa cátedra do Liceu, mas deitado numa rede, Martinz de Aguiar conta-nos, ora sorrindo, ora chorando, as tristezas e as alegrias de sua vida, que pode ser chamada de patrimônio do Ceará.

"Sou filho de homem que, na época, era abastado, mas que empobreceu tanto, que chegou até a vender "bicho", para sustentar a família".

"E nós víamos o seu destemor, a sua luta, a sua bravura, e, conseqüentemente, aprendíamos todos nós a amar aquele que se fêz "cambista" para, um dia, poder dizer: "No suor do meu rosto vi crescer e florescer o fruto dos meus sacrifícios de outrora". Esse homem, José Martins de Aguiar e Silva, comerciante dos mais conceituados, que, por uma dessas interrogações e reticências do destino, chegou a mendigar a compreensão dos demais, mas sempre de cabeça firme e ereta, ajudava à Cultura do Estado na formação do que viria a ser o "mestre mais destemido e capaz do Liceu do Ceará de outrora e modelo de "magiste nos dias de hoje".

Era a luta pela sobrevivência! Eterna característica do clã Martins de Aguiar! Sacrifício e bravura a serviço da inteligência cearense.

E, continua o autor de "Repasse Crítico da Gramática", mesmo passando as mais sérias privações, "entrei para o Liceu, matriculando-me, em 1917, ali fiz o 1o., 2o. e 3o. anos, vendo o meu pai vendendo "bicho", com orgulho e esperança de dias melhores, mas servindo como um verdadeiro modelo de bravura". E conclui, sorrindo de maneira enérgica: "... É por isso que eu defendo o jogo do bicho..."

MISÉRIA, INIMIGA DA EDUCAÇÃO

Revivendo épocas que vão de 1917 a 1921, Martinz de Aguiar demonstra sempre aquela mesma perspicácia e inteligência dos seus melhores dias.

No entanto, a posição em que se encontrava na rede, era cansativa. E, silenciosamente, sua filha Gullimad, procurando não chamar a atenção

do pai, pouco a pouco vai conseguindo colocar o travesseiro mais a vontade, a fim de que a cabeça embranquecida do eterno jovem professor do Liceu, hoje doutor "Honoris Causa" da Universidade Federal do Ceará, reclinasse docemente sobre a alvura da rede daquele pescador de capacidade administrativa do Ceará de hoje.

Retornando a mesma dinâmica da conversa, Martinz de Aguiar, humildemente, confessa: "Deixei o Liceu levado que fui pelo estado de pobreza de meu pai: a miséria foi sempre inimiga da educação".

E comecei minha vida de errante pelo comércio de Fortaleza na busca sempre constante de me empregar e poder terminar os meus estudos. Coloquei-me com José Colares Cintra, apesar de seus poucos recursos, o que me levou, meses após, a sair em busca de novos horizontes. . . "

ERA UM FILÓLOGO NATO

Martinz de Aguiar não deixava transparecer nenhuma tristeza pelos momentos difíceis de que foi mais uma vítima de uma época. Muito pelo contrário. Demonstrava sempre, e constantemente, a alegria de haver sido forte e inquebrantável ante as intempéries que afligiram a sua existência desde o alvorecer de sua compreensão do Mundo e dos Homens.

Andante, mas com absoluto dinamismo e auto domínio, o autor de "Notas e Estudo de Português" (1942) não se deixou levar em nenhum momento pelo desânimo e, muito menos, pela falta de vontade e combatividade, virtudes próprias dos cearenses nascidos em Caucaia, berço pujante do futuro redator do jornal associado "Unitário"

"Descobrindo em mim — adianta Martinz de Aguiar — a verdadeira sede de saber, iniciei-me valorosamente nos estudos profundos da língua portuguêsa, passando o pé em muita gente e sendo considerado, "sem falsa modéstia", o maior professor de Português do Ceará. Eu era um "filólogo nato".

Amando, assim, desde tenra idade, o mundo das letras, com apenas 22 anos de idade, "iniciei-me no "Unitário", onde fui repórter, secretário e gerente". E concluía, rindo, o então jovem e que um dia seria o mais

agraciado professor do Liceu do Ceará: "João Brígido — fundador do "Unitário" — chamava-me de "meu homem", dada a confiança a que eu tinha sabido dentro do tempo ser digno".

INÍCIO DA VITÓRIA

"Mas, não sei por que, eu era louco pelo Magistério".

"Deixei muito cêdo a boa convivência da turma do hoje órgão associado, e sai mais uma vez pelo mundo, sem saber fazer nada. Então, fui para o magistério, como uma saída plena na vida. Dessas que guardamos como última chance. . . "

E, assim, buscando sempre a felicidade, Martinz de Aguiar decidiu: "Vou-me formar professor". E nos narra, com toda a singeleza: — ". . . E, pouco a pouco, consegui o magistério nas minhas mãos. Fui nomeado professor pelo então governador do Estado, Justiniano de Serpa".

Mas, há certos momentos na vida do emérito professor que ele faz questão séria e cerrada de que sejam passados à História por sua própria palavra. Um desses momentos é o que diz respeito à sua.

NOMEAÇÃO

"Justiniano de Serpa e papai eram dois grandes amigos. Tinham-se em alta estima desde a juventude, quando ambos se conheceram. Salvo esquecimento meu, foi o meu próprio pai quem falou com o Governador, pedindo a fim que eu fosse indicado, por nomeação, para professor do Liceu do Ceará, era o meu sonho".

Sintetizando o seu raciocínio, Martinz de Aguiar, sem perder o seu ar majestático e, ao mesmo tempo, de compreensão, concluiu: "O mais curioso é que foi o Governador que me examinou em Português, Latim, Francês e Conhecimentos Gerais, durante o meu "martírio" de quase duas horas, numa verdadeira disputa e confronto de sapiência".

Entrou para o magistério em 1921. Fez outro concurso, em 1923, com mais de 39 anos. Exerceu a sua profissão com honestidade e amor. Em 1961, levado por motivos superiores, aposentou-se.

EMOÇÕES

Para o professor Martinz de Aguiar, a sua vida foi repleta de emoções. A lembrança do seu matrimônio com Dona Ofélia Cavalcanti de Aguiar, a 25 de junho de 1918, em Fortaleza, enche-lhe de substanciais alegrias. Por outro lado, ser catedrático com apenas 29 anos de idade, sentar-se, na Congregação, como um dos mais novos dos seus membros, eterniza o seu contentamento, até os dias de hoje, para se completar com a recente distinção de "Doutor Honoris Causa" da Universidade Federal do Ceará.

Natural de Caucaia, onde nasceu a 4 de março de 1893, não esconde sua felicidade e seu contentamento em, ao longo do tempo, haver sido mestre de quase todo o Ceará.

SEUS EX–ALUNOS

Dentre os vários alunos do grande professor cearense, inútil seria tentar, em uma simples reportagem, mencioná-los todos. Daria, sem sombra de dúvida e sem exagêro — e aqui vai a sugestão — um livro... E a vida de Martinz de Aguiar sempre será caracterizada pelos livros...

No entanto, deixamos com o autor de "Notas de Português de Felinto Teodorico" (1955) a possibilidade de, mesmo no leito, sem muito esforço de memória, mencionar os que de relance passavam por sua cabeça.

Assim, declinando nomes de personalidades e de gente do nosso mundo sócio-cultural, o Prof. Martinz de Aguiar, afirma: "Alunos meus foram quase todos os cearenses que hoje estão no poder. Por exemplo:

Plácido Aderaldo Castelo; Mozart Soriano Aderaldo; José Válter Cavalcante; Raimundo Girão; Ubirajara Índio do Ceará; José Bonifácio; Parsifal Barroso; Fernando Leite; Emílio Leite; Madaleno Girão Barroso; Antônio Girão Barroso; José Mário Mamede; Edson Queirós; Alísio Mamede; Jorge de Souza; Auri Costa; Virgílio Firmeza; Ubirajara Carneiro; Gal. José Araújo Magalhães; Gal. Alípio Santos; Gal. Humberto Ellery; Valmique Albuquerque; José de Figueiredo Correia; Virgílio Távora; Clodomiro Girão; Paulo Bonavides; Dórian Sampaio; Odilon Aguiar Filho; Achille Peres Mota; Luciano Magalhães; Stênio Gomes; Raul Barbosa; Raimundo Costa; José Carlos Costa; Milton Mamede e tantos outros que no momento não me vêm à memória".

CHORANDO, AGRADECIDO

Sempre visando a uma melhora em sua enfermidade, o Professor Martins de Aguiar, vive, hoje, no convívio amoroso de seus filhos Ivan Cavalcanti, Álcimo Cavalcanti Aguiar, Ilo Cavalcanti Aguiar, Zélia Cavalcanti, e Gullimad Cavalcanti Aguiar. Vive, alegremente, uma existência que teve como alicerce o sofrimento.

No entanto, a emoção provocada por seu amigo impar, Reitor Fernando Leite ao lhe conhecer o título de Doutor "Honoris Causa", fez-lho chorar, reconhecidamente. Retomando a mesma calma interior, disse, sorrindo: "Compreenda, eu sou amigo de longos tempos do meu ex-aluno Fernando e vejo no seu gesto, ao conferir-me este título, o eterno agradecimento do Ceará ao seu mestre amigo. Fernando Leite foi, é e será uma das maiores riquezas do Estado comum".